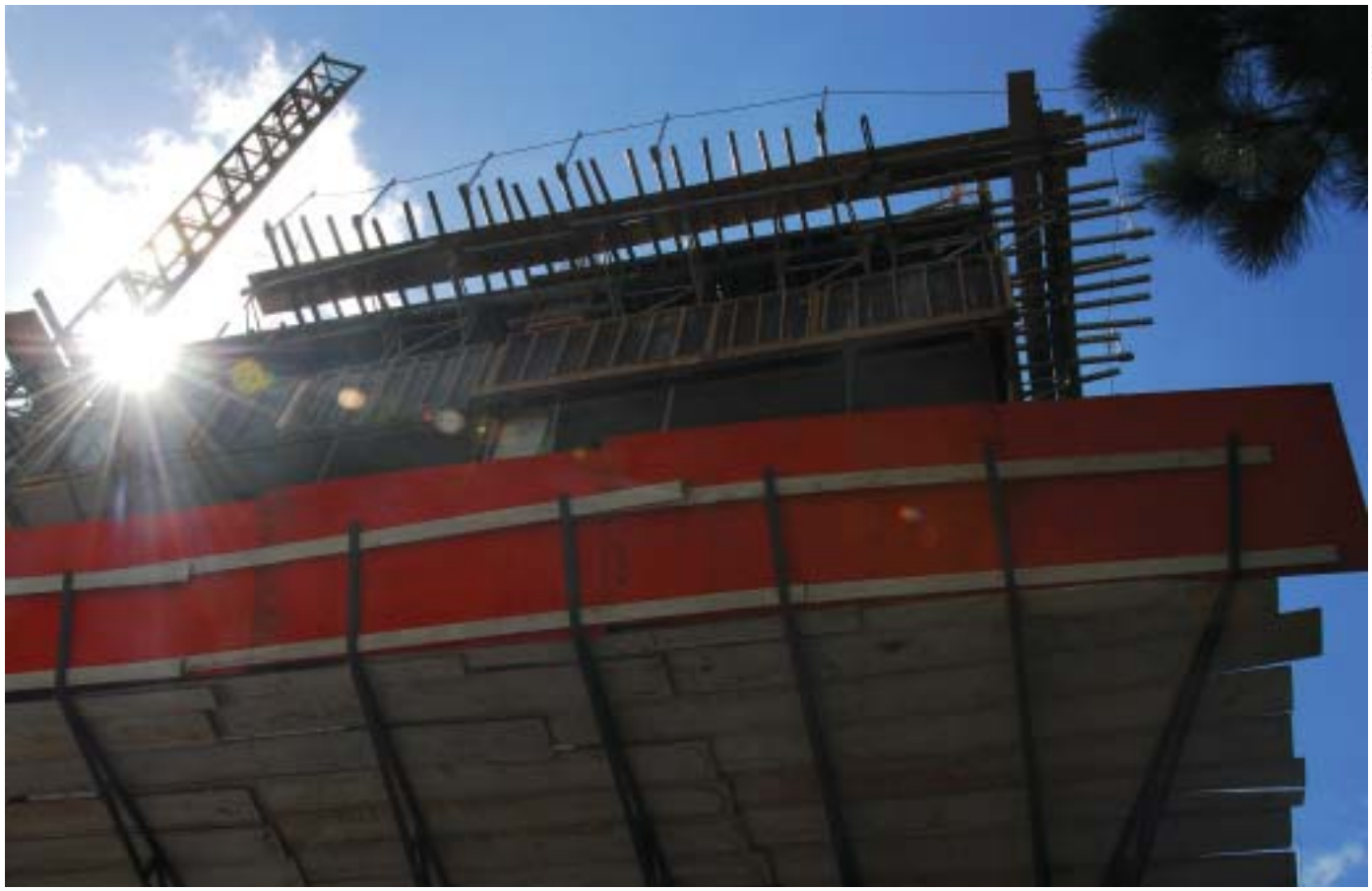
Indicadores da construção

Os primeiros sinais de 2009

Ana Maria Castelo



Lu Santos

NO TERCEIRO trimestre de 2008, o PIB da construção registrou o maior crescimento entre os segmentos da indústria. A taxa de quase 12% foi o ápice de uma trajetória construída a partir de uma série de mudanças institucionais e alicerçada em um ambiente macroeconômico de crescimento. Esse ambiente mudou de forma expressiva no final do ano, com impactos importantes no setor da construção. De forma imediata, a crise afetou o crédito, principal nutriente do crescimento. Especificamente o crédito para as empresas, que acarretou a falta de recursos para o financiamento do capital de giro. A segunda forma de contágio foi a diminuição da confiança. A incerteza quanto aos rumos da economia mundial e brasileira inibiu a ação de investidores e famílias.

Os indicadores de atividade da construção relativos ao último trimestre mostraram sinais da crise, embora em uma dimensão muito menor que a observada na indústria de transformação.

- Nos três últimos meses do ano, as empresas da construção encerraram mais de 100 mil postos de trabalho com carteira assinada. A queda foi mais acentuada em dezembro, mês em que o emprego caiu além do esperado para o período.
- No último trimestre de 2008, as vendas reais de materiais de construção no varejo caíram cerca de 3% em comparação contra igual período de 2007. No mesmo período, o faturamento real da indústria de materiais fechou com crescimento de 3%, mas registrou queda expressiva, de 4,3%, nos dois últimos meses do ano.
- O número de financiamentos concedidos com recursos da poupança caiu 27% entre agosto e dezembro, embora na comparação com o último trimestre

de 2007 ainda se tenha observado um crescimento de 19%.

- O número de lançamentos na RMSP apresentou queda de 50% na comparação do último trimestre de 2008 com o mesmo período de 2007.
- Por fim, depois de apresentar crescimento de 13% no terceiro trimestre, o índice de insumos da construção, que serve de base para o cálculo do PIB setorial, cresceu apenas 2% no último trimestre contra igual trimestre do ano anterior.

Se os números do último trimestre indicaram uma mudança de ritmo, o impacto nos números finais de 2008 foi reduzido e a cadeia fechou 2008 com resultados bastante expressivos:

- O crescimento do número de postos de trabalho com carteira chegou a 17,4% na indústria da construção e a 7% na indústria de materiais.
- O varejo acumulou alta no valor real das vendas de 6,3% no ano passado e a indústria elevou seu faturamento real em 12,0% (as vendas reais no mercado doméstico cresceram 13,8%).
- O número de financiamentos para a habitação foi 53% superior e o volume de recursos cresceu 64%.
- O consumo de cimento cresceu 14% e o de aço 30%.
- O índice de produção física de insumos registrou elevação de 8,5%.

Cenário ainda incerto

Depois dos resultados ruins de dezembro, desconsiderados os efeitos sazonais, a produção industrial voltou a crescer em janeiro. Na comparação com a base elevada de 2008, o desempenho da indústria ainda é bastante negativo, o que não permite falar ainda em recuperação.

Por outro lado, os números da inflação trouxeram boas notícias ao cenário macroeconômico: as expectativas inflacionárias passaram a convergir para o centro da meta. A conjugação de atividades deprimidas e inflação sobre controle vão permitir ao Banco Central prosseguir na política de redução dos juros, que pode sem nenhuma preocupação com a inflação, reduzir a Selic em mais 1 ponto percentual.

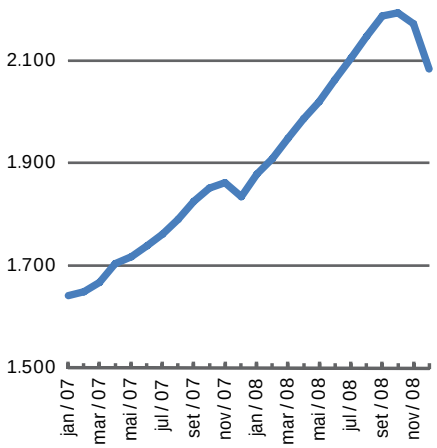
Esse cenário certamente é muito distinto do que prevaleceu até meados de 2008, pois as expectativas continuam muito deprimidas, ou seja, a confiança não foi restabelecida, mas a redução mais agressiva dos juros pode permitir uma recuperação mais rápida.

É fato que o crédito continua escasso e caro, mas os empresários da construção já indicaram que houve uma pequena melhora em relação aos meses mais críticos do ano passado.

A pesquisa de emprego da **FGV Projetos/SindusCon-SP** com base nos dados do Ministério do Trabalho e Emprego mostra que em janeiro as construtoras ainda observavam um nível de atividades elevado. Depois da retração dos dois últimos meses de 2008, as empresas voltaram a contratar: foram 11,3 mil trabalhadores. O saldo de contratações é bem inferior ao observado em janeiro de 2008, mas equivalente ao de janeiro de 2007. De todo modo, o estoque de empregados - mais de 10% superior ao de janeiro de 2008 – continua acima do patamar de 2 milhões.

O consumo de cimento no mercado interno se mantém alto, apesar da pequena retração em relação a janeiro de 2008, de 1,7%. No entanto, a indústria de materiais, de uma forma geral, está sentido o efeito da crise de modo mais intenso. Um dos segmentos mais afetados foi o de aço para construção. Dados do IBS apontam queda no consumo interno de 8% em dezembro na comparação com o mesmo mês de 2007. E, em janeiro, estima-se que tenha ocorrido nova queda. Uma ressalva importante deve ser feita em relação ao comportamento das vendas internas do vergalhão: o ritmo forte das empresas estava pressionando preços (em novembro, a pesquisa do SindusCon-SP apontava elevação acumulada no ano de 33% do aço), o que levou muitas construtoras a trabalhar com estoques elevados no final de 2008, e pode estar afetando o consumo. A pesquisa da indústria do IBGE também apontou grande queda na produção de material elétrico e bens de capital para a construção. Assim, o faturamento da indústria de materiais acusou um recuo real de 15,7% em relação a janeiro de 2008.

Emprego com carteira na construção (mil trabalhadores)



Fonte: MTE, FGVProjetos / SindusCon-SP

Enfim, os números deste ano ainda são preliminares. A grande questão que se coloca hoje para a cadeia da construção é em que medida o efeito carregamento do setor habitacional e as obras de infra-estrutura podem manter elevada a atividade em 2009. De fato, o desempenho excepcional de 2008 não apenas coloca o setor em um patamar de atividade bastante elevado, mas traz para 2009 um impulso importante. Durante algum tempo, as empresas atenderão os negócios fechados até setembro de 2008. Esse impulso é expressivo especialmente na área habitacional, onde o tempo de realização de um empreendimento é de 18 a 24 meses. Os empreendimentos na área comercial e industrial possuem um horizonte muito mais curto e, portanto, um efeito carregamento pequeno.

Por sua vez, os investimentos na área de infra-estrutura também terão impacto sobre as atividades em 2009 e deverão aumentar sua participação dentro do setor.

Mas o efeito carregamento perderá força no segundo semestre. Desde o início da crise, poucos lançamentos estão sendo realizados. O impacto maior dessa redução será observado no início de 2010, mas não há dúvida que haverá uma redução no ritmo de atividades das empresas já no segundo semestre. Os segmentos que trabalham com construções comerciais e industriais já estão sofrendo com a redução dos investimentos das empresas. Nesse contexto, as medidas para estimular a habitação podem não apenas inverter as expectativas muito negativas dos empresários, mas também contribuir para dar novo impulso ao nível de atividades a partir do segundo semestre.